
“Negra, rica e de sucesso”: a Helena que o Brasil não quis compreender

Gabriela Vieira REBOUÇAS

Tamara Lopes de SOUSA

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Este artigo pretende realizar a análise filmica (PENAFRIA, 2009) da personagem Helena, protagonista da novela *Viver a Vida* (2009), interpretada pela atriz Taís Araújo. A novela *Viver a Vida* (2009), transmitida no horário nobre (20h), é de autoria do Manuel Carlos, o “Maneco”, que é considerado um dos famosos dramaturgos da TV Globo por causa de suas protagonistas, as Helenas. A protagonista daquela novela foi a primeira Helena negra de Manoel Carlos, tendo em vista que as demais protagonistas eram mulheres brancas de classe média. Porém, a personagem interpretada por Taís Araújo não se destacou conforme o esperado, impulsionando, assim, a formulação das seguintes problemáticas deste trabalho: por que a Helena negra do Maneco não deu certo? Por que essa novela das oito não alavancou tanta audiência?

PALAVRAS-CHAVE: novela; Helena; protagonismo negro, branquitude.

INTRODUÇÃO

O poder de influência das novelas é um aspecto peculiar e preponderante na cultura brasileira, sendo essas, inclusive, produtos de exportação para diversos países, como Estados Unidos, Portugal e Índia. A teledramaturgia no Brasil se caracteriza principalmente pelas histórias de personagens protagonistas femininas que se tornaram referências de comportamentos, consumo e de ações educativas. Podemos citar algumas destas, a personagem Santana, interpretada pela atriz Vera Holtz, na novela *Mulheres Apaixonadas* (2003), cujo vício em álcool nos alertou sobre os efeitos nocivos de seu uso abusivo, e a personagem Dóris, representada pela atriz Regiane Alves, da mesma novela, que maltratava seus avós e isso gerou uma comoção nacional contribuindo inclusive com a criação do Estatuto do Idoso em setembro de 2003 (VELOSO, 2023).

Essas personagens fazem parte de uma das novelas escritas pelo autor Manuel Carlos, o “Maneco”, cujas tramas se destacam pela construção de personagens que trazem debates sobre temas relevantes para a sociedade, dentre elas, as suas protagonistas denominadas Helenas. Elas eram conhecidas também por serem mulheres de “personalidades fortes e mais humanizadas” (SPLASH UOL, 2023), que passavam por conflitos amorosos e faziam sacrifícios para o bem-estar de sua família. Em entrevista, Maneco afirma que este nome faz referência à Helena de Tróia, personagem da mitologia grega que ele considera fascinante (SPLASH UOL, 2023).

Foi então, em 2009, após a novela de sucesso, *Caminhos das Índias*, escrita por Glória Perez, que estreou no horário nobre (20 horas) da TV Globo, a novela *Viver a vida*, escrita pelo famoso dramaturgo da casa. E para ser a protagonista dessa trama, foi escolhida Taís Araújo, sendo a primeira Helena negra do autor, tendo em vista que as outras Helenas, em sua maioria, foram interpretadas por atrizes brancas. Porém, ao longo da trama, a popularidade de Helena foi diminuindo, chegando ao ponto de acontecer algo até então raro de ocorrer: uma mudança de protagonismo. A vaga passa então para Luciana, uma mulher branca, que sofre um acidente de carro, fica tetraplégica e o público acaba se instigando com essa história, com as mudanças que ocorreram na vida e na personalidade dessa personagem.

Diante desse contexto, o problema da pesquisa é tentar responder às seguintes perguntas: por que a Helena negra do Maneco não deu certo? Por que a novela das oito não alavancou tanta audiência? Por que outras personagens, como a Luciana, tiveram mais destaque que a protagonista? Sendo assim, a proposta de “*Negra, rica e de sucesso*”: *a Helena que o Brasil não quis compreender* é analisar de forma crítica a construção e repercussão da personagem Helena, interpretada pela atriz Taís Araújo, na novela *Viver a Vida* (2009/2010), verificando de que maneiras o racismo atua para usurpar o protagonismo dessa personagem.

METODOLOGIA DO TRABALHO

Para realizar essa pesquisa, escolhemos a análise fílmica (PENAFRIA, 2009) como ponto de partida, ou seja, faremos uma decomposição da novela, dando uma atenção principal ao desenvolvimento da personagem Helena na trama. Assistimos três episódios da novela: o primeiro, onde Helena bem como as demais personagens mais

relevantes são apresentadas; o capítulo 54, quando Luciana, a então antagonista, sofre um acidente que a torna tetraplégica e a narrativa muda o ponto de vista para que ela se torne protagonista; e o capítulo final, analisando quem teve um “final feliz”.

Dialogando com esta metodologia, faremos também uma abordagem qualitativa através de pesquisa bibliográfica dos estudos interseccionais, afrodiaspóricos e decoloniais presentes nas obras de bell hooks (2019), Cida Bento (2022), Grada Kilomba (2019), Lélia Gonzalez (1984; 2020), Muniz Sodré (2023), dentre outras/os autoras/es que discutem sobre o consumo de TV no Brasil e de novelas, como Renato Ortiz (1988) e Ondina Leal (1983), respectivamente.

TELENOVELAS BRASILEIRAS: UMA CULTURA EM EXPORTAÇÃO

As telenovelas são produções culturais ainda presentes no cotidiano de muitas/os brasileiras/os, fazendo parte dos momentos de lazer e relaxamento destas/destes após a lida no trabalho ou em outros compromissos do dia. Cativando e emocionando suas/seus telespectadoras/telespectadores com suas histórias de amor, dramas e demais conflitos entre mocinhas/mocinhos e vilãs/vilões. Porém, é importante considerar que, segundo Esther Hamburger (2005, p. 25), “as novelas teriam se constituído em mecanismos eficientes de alienação e legitimação de uma ordem social injusta”, visto que elas surgiram na televisão brasileira em um período de opressão social.

O Brasil é conhecido como um dos maiores produtores de telenovelas do mundo, as quais, em sua maioria, são elaboradas e transmitidas pela Rede Globo de Televisão. Esta emissora, segundo Renato Ortiz (1988), é fundada em 1965 no período da Ditadura Militar (1964-1985), no qual houve um significativo investimento e fortalecimento da produção cultural e do mercado de bens culturais em parceria com o capital privado e internacional. É nesse período também que a televisão vai se tornando um importante veículo de comunicação e de consumo em massa.

Os dados sobre a presença dos aparelhos nos domicílios carregam marcas da desigualdade social, inscrita na geografia brasileira desde os primórdios coloniais. O número de aparelhos aumentam em períodos de crescimento econômico - como os chamados anos do “milagre”, na década de 1970, e a era do real, nos anos 1990 -, quando os televisores encabeçaram a lista dos eletrodomésticos mais vendidos. A distribuição de aparelhos no território nacional acompanhou o crescimento urbano: 1960, dez anos após a inauguração da TV, de acordo com dados do Censo, apenas 4,6% dos domicílios brasileiros

possuíam um aparelho; esse número subiu para 22,8% em 1970 e 56,1% em 1980. Apenas na segunda metade da década de 1980, os sinais televisivos se tornaram disponíveis na maior parte do território nacional, mas, ainda em 1991, apenas 71% dos domicílios possuíam pelo menos um aparelho. (HAMBURGUER, 2005, p. 22)

Ortiz (1988) ainda cita que a primeira novela transmitida foi a *O Direito de Nascer* (1964), exibida pela TV Tupi. A partir de então, ao longo da década de 1960, as novelas se consolidam como tipo de narrativa junto ao público consumidor, principalmente, por se tornarem atrativos comerciais, como antes eram direcionados às radionovelas. O formato das telenovelas segue uma exibição seriada de capítulos semanais, de segunda à sábado, cuja inspiração veio das radionovelas e dos folhetins dos séculos XVIII e XIX. As histórias contadas por essas mídias se resumiam em conflitos de suas personagens, geralmente amorosos, que, a cada capítulo exibido ou publicado, surgia um empecilho não resolvido, que gerava um clímax e deixava os/as telespectadores/as curiosos/as para assistir o capítulo seguinte. A resolução definitiva dos conflitos só ocorria ao final de toda a trama, quando as personagens poderiam finalmente viver “felizes para sempre”. No caso específico da novela das oito, Ondina Leal (1983, p. 12-13) destaca que:

[...] é uma forma genérica que os produtores, os receptores e as crônicas dos jornais referem-se às telenovelas que são emitidas de 2ª feira a sábado, continuamente, indicando, na forma mesmo de referirem-se ao programa, familiaridade cotidiana e a predominância de um meio de comunicação, de uma emissora, de um horário e de um determinado tipo de programação. A novela das oito é o programa que por maior período de tempo na história da Televisão no Brasil mantém o mais alto índice de audiência e a maior dispersão de audiência entre as diferentes classes sociais. É um programa característico da indústria cultural, no sentido de ser racionalmente produzido visando um público massivo. É também um tipo de produção onde há uma grande inversão de capital e um efetivo aprimoramento técnico do produto, tendo esta produção e produções correlatas um mercado significativo fora do Brasil.

Como significativo produto comercial e de entretenimento da Rede Globo, Leal (1983) ainda ressalta a importância dos autores e das autoras de novelas para as criações, desenvolvimentos e finalizações da trama, sendo estes os responsáveis por escrever a história à medida que vai sendo transmitida ao ar, como também por escolher os atores e as atrizes que irão interpretar suas personagens. Os escritores e as escritoras

de novelas podem aceitar ou não modificações das estórias, as quais podem sofrer intervenções do público, e permitir também a inclusão ou não de propagandas de produtos ou serviços nos capítulos, conhecidas como as práticas de *merchandising*. É um profissional que goza de uma certa autonomia e que a Globo contrata uma diversidade de perfis de autores e autoras para que essas obras tenham heterogeneidade e possam conquistar variados públicos .

Sendo assim, um dos autores mais renomados da casa, Manoel Carlos, conhecido como o “Maneco”, é o criador da maioria das novelas de sucesso do horário das oito, o horário nobre, cujas tramas abordam temas de relevância social, como a doação de medula óssea, o tratamento com relação às pessoas com síndrome de *down*, violência contra idosos e prostituição, e outros também considerados até polêmicos e de certo tabu. Percebemos então que as novelas, além de fazerem parte do entretenimento e lazer de seus consumidores e suas consumidoras, podem ser importantes veículos de informação, conscientização e popularização de debates sociais.

Outra característica de Manoel Carlos que se tornou destaque de suas novelas são suas protagonistas, conhecidas como as Helenas, cuja inspiração do autor em nomeá-las assim veio da Helena de Tróia, personagem da mitologia grega conhecida como a mulher mais linda do mundo. Segundo Manoel Carlos, “A Helena é generosa, apaixonada por qualquer coisa, inclusive por qualquer homem, despojada, boa mãe, exemplo familiar. Acho que isso agradou também, essa mistura toda.”

Ao todo, foram 9 personagens Helenas, interpretadas pelas atrizes Lilian Lemmertz, a primeira Helena, que protagonizou a novela *Baila Comigo* (1981); Maitê Proença, na novela *Felicidade* (1991-1992); Regina Duarte em *História de amor* (1995-1996); Regina Duarte, novamente, em *Por Amor* (1997-1998); Vera Fischer em *Laços de Família* (2000-2001); Christiane Torloni em *Mulheres Apaixonadas* (2003); Regina Duarte, pela terceira vez, dessa vez na novela *Páginas da Vida* (2006); Taís Araújo na novela *Viver a Vida* (2009) e Júlia Lemmertz, filha da atriz Lilian Lemmertz, que interpretou a última Helena na novela *Em Família* (2014).

Dentre elas, o foco deste trabalho será a Helena de *Viver a Vida* (2009), interpretada pela atriz Taís Araújo, pois foi a primeira protagonista negra das novelas de Manoel Carlos, mas que não cativou tanto o público quanto o esperado. A primeira Helena negra teve o seu protagonismo redirecionado para a sua antagonista, a personagem Luciana, interpretada pela atriz Aline Moraes, que sofre um acidente na

trama e fica tetraplégica. Além deste motivo que provocou mais sensibilização dos telespectadores e das telespectadoras, existem outros que podem explicar o fracasso da primeira Helena negra das novelas do “Maneco” que serão analisados no tópico a seguir.

VIVER A VIDA E A PRIMEIRA HELENA NEGRA DO MANECO

A novela *Viver a Vida* (2009) foi a sucessora da novela *Caminho das Índias*, escrita por Glória Perez. E para ser a protagonista dessa trama, foi escolhida Taís Araújo, uma atriz já conhecida do público, sendo a primeira Helena negra do autor, tendo em vista que ele só escolhia mulheres brancas para ocupar essa vaga de protagonista de suas novelas. Assim como várias outras, esta personagem era uma mulher rica e bem sucedida. Cresceu em Búzios, cidade do Rio de Janeiro, pertenceu à classe média, estudou em escola particular e se tornou modelo. Ela já compreendia sua “diferença” no mundo: no primeiro capítulo, ela cita o fato de ser minoria na escola e ter como melhor amiga uma personagem que também era minoria naquele contexto, a personagem Ellen, vivida pela atriz Daniele Suzuki, que possui descendência japonesa. Helena inicia a trama solteira, mas se envolve com Marcos (José Mayer), pai de Luciana (Aline Moraes), sua principal rival na trama. Cria-se, portanto, uma rivalidade feminina na narrativa. Os capítulos da maioria das novelas, inclusive de *Viver a Vida*, não eram entregues todos de uma vez, iam se adaptando à repercussão do público e/ou anunciantes.

Ao longo das semanas, a popularidade de Helena foi diminuindo, chegando ao ponto de acontecer algo até então raro de ocorrer: uma mudança de protagonismo. A vaga passa então para Luciana, uma mulher branca, que sofre um acidente de ônibus, fica tetraplégica e o público acaba se instigando com essa história, com as mudanças que ocorreram na vida e na personalidade dessa personagem. Aos poucos, o tempo de Helena na novela vai diminuindo, dando espaço a mais pessoas brancas que sempre ocuparam esse protagonismo.

Segundo declarações do autor Manoel Carlos ao site *GI*, a rejeição à personagem Helena, interpretada pela atriz Taís Araújo, ocorreu por conta do estranhamento do público diante de uma Helena mais jovem, tendo em vista que as demais Helenas eram mulheres mais velhas, mas que o escritor reconhece que atriz interpretou muito bem a personagem e que a protagonista não é aquela que aparece mais vezes, mas que se torna “onipresente” ao longo da trama.

Outras declarações também podem ser pertinentes com relação à rejeição da primeira Helena negra de Manoel Carlos, como a da própria atriz Taís Araújo, a qual afirmou em entrevista concedida à revista *Marie Claire* que se sentia insegura na interpretação desse papel e que recebia diversas críticas. Tais críticas eram advindas do envolvimento da sua personagem com um homem mais velho no início da novela, o Marcos (José Mayer), como também pelo fato de ser uma Helena negra, como a artista ressalta logo abaixo:

A culpa não foi minha. Ou não foi exclusivamente minha. Eu fui espinhafrada e pensava que aquele era o fim da minha carreira. Todo mundo caiu na questão de tratar a personagem como branca, acreditando na democracia racial, de que somos todos iguais. Não é assim na rua, pois o Brasil é racista.

Por outro lado, a atriz afirma também que recebeu diversos elogios de mulheres negras nas ruas por se sentirem representadas ao verem pela primeira vez em uma novela do Manoel Carlos uma protagonista negra. Partindo desse contexto, relacionamos ao que Luiz Augusto Campos e Feres Júnior (2016) comprovam em sua pesquisa sobre a pouca quantidade de atrizes e atores pretas/os e pardas/os nas telenovelas da Rede Globo de Televisão de 1985 a 2014. Esses pesquisadores afirmam que as 156 novelas lançadas nesse período apresentam 91,2% dos seus personagens centrais interpretados por atrizes brancas e atores brancos. O que representa uma desproporção com relação à composição da população do nosso país que, segundo o censo de 2010, contabilizava 47,9% de branco e 52,1% de negros (pretos e pardos).

Campos e Feres Júnior (2016) reiteram ainda que quando ocorria a inclusão de atrizes e atores pretos/as e pardos/as nas telenovelas no período especificado, a participação dessas/desses artistas se limitava a reproduzir personagens clichês e estereotipados, como o ladrão, preguiçoso, escravizado, a empregada doméstica, a melhor amiga da protagonista branca, ambientada no contexto da escravidão e em locais

como favelas, periferias e em ambientes rurais. Ou então, quando as novelas contavam com protagonistas negras e negros, em sua maioria, eram mulheres negras de pele clara como as atrizes, Camila Pitanga e Taís Araújo. Outro fator relevante é que as/os autoras/autores e diretoras/diretores das telenovelas da emissora Globo são brancas/brancos, o que conta com relação à preferência de determinadas/determinados atrizes/atores para encenar as personagens ou formas limitantes sob a perspectiva da branquitude (BENTO, 2022; hooks, 2019; KILOMBA, 2019) de construir personagens negras/negros.

As novelas do autor Manoel Carlos, geralmente, são ambientadas em espaços elitistas e brancos do Rio de Janeiro, como o bairro Leblon, no qual as suas Helenas vivem os dramas e conflitos de uma classe média carioca. A base da formação cultural da sociedade brasileira tem o racismo como um dos seus pilares e, assim, relega a exclusão da população negra do acesso às melhores condições de vida, como explica Lélia Gonzalez (1984). Especificamente, com relação à mulher negra, Lélia Gonzalez (1984; 2020) diz que esta é submetida à exploração sexual, a ser notada e valorizada somente nos momentos de diversão, ou limitada a exercer o papel daquela que está sempre disposta a servir, principalmente, às mulheres brancas. A intelectual vai se referir, portanto, a esses papéis como a mucama, a mulata exportação e a mãe preta, respectivamente, sendo bastante reforçados em novelas, filmes e propagandas.

ANÁLISE FÍLMICA DAS IMAGENS DE CONTROLE EM *VIVER A VIDA*

Para a compreensão de como aconteceu a mudança de protagonismo em *Viver a Vida*, optamos por analisar três importantes capítulos da trama: o primeiro, onde Helena é apresentada; o 54, onde o público recebe a notícia de que Luciana ficou tetraplégica; e o capítulo final, o desfecho da trama das duas. Sobre a análise fílmica, Manuela Penafria (2009) afirma que se trata de uma decomposição do filme seguida de uma interpretação.

A decomposição recorre pois a conceitos relativos à imagem (fazer uma descrição plástica dos planos no que diz respeito ao enquadramento, composição, ângulo,..) ao som (por exemplo, off e in) e à estrutura do filme (planos, cenas, sequências). O objectivo da Análise é, então, o de explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e propor-lhe uma interpretação. Trata-se, acima de tudo, de uma actividade que separa, que desune elementos. E após a identificação desses elementos é necessário

perceber a articulação entre os mesmos. Trata-se de fazer uma reconstrução para perceber de que modo esses elementos foram associados num determinado filme. Não se trata de construir um outro filme, é necessário voltar ao filme tendo em conta a ligação entre os elementos encontrados. (PENAFRIA, p. 1-2)

Para contribuir com as interpretações, utilizaremos o conceito de Imagens de Controle de Patricia Hill Collins, presente no livro de Winnie Bueno, que apresenta a ideia e adapta à realidade brasileira. O conceito nada mais é do que uma série de estereótipos atribuídos à mulheres negras, colocando-as em “caixas” e atribuindo características limitadoras a cada uma delas. Winnie Bueno afirma que

Para Patricia Hill Collins, as imagens de controle constituem a dimensão ideológica do racismo e do sexismo, sendo que o processo de resistência a esse fenômeno articula-se a partir da autodefinição que mulheres negras constroem nos espaços seguros. (BUENO, 2020, p. 77-78)

Ou seja, sem a presença de mulheres negras para realizar essa autodefinição, as personagens femininas negras de *Viver a Vida* acabaram por serem representadas por essas imagens de controle.

No primeiro capítulo da novela, temos uma perspectiva diferente do formato das novenas com a protagonista olhando diretamente para a câmera. Isso acontece por conta de um recurso de metalinguagem: Helena está participando de um documentário sobre sua própria vida. Ela fala sobre a carreira, a família, os amigos, a própria história, de maneira bem expositiva e essa estrutura narrativa foi criativa na medida que falava ao público tudo sobre a personagem sem parecer forçado, uma vez que no documentário são feitas perguntas como as utilizadas na novela.

Helena é uma modelo famosa que cresceu em Búzios, no Rio de Janeiro, e vem de uma família de classe média, o que já rompe com os estereótipos ligados à marginalidade de mulheres negras recorrente nas novelas. Ela fala que no período escolar ela e a melhor amiga, vivida pela atriz Daniele Suzuki, eram as mais diferentes da turma, o que já pressupõe uma consciência de raça por parte dela.

Helena tem um porte elegante e uma maneira de falar bastante formal para a idade dela. Não percebemos um uso regular de gírias em suas falas, que são compassadas e, em geral, tranquilas. Tais características podem ser associadas à imagem de controle *black lady*.

A *black lady* é caracterizada como a mulher negra classe média, profissionalmente bem-sucedida, qualificada e bem instruída. Em um primeiro momento, essa descrição não parece caracterizar uma imagem de controle, uma vez que aparentemente todas essas características são tidas como elogios. Entretanto, essa imagem de controle tem um significado que opera tanto no interior das comunidades negras, sobretudo a partir da manipulação dessa imagem pelos homens negros, quando externamente. [...] Como essas mulheres são bem-sucedidas em suas carreiras e ascendem socialmente, elas são consideradas como antipáticas, extremamente exigentes e arrogantes. (BUENO, 2020, p. 106-107)

Em paralelo ao documentário que é apresentado, vemos uma cena de perseguição policial a duas pessoas negras, um homem e uma mulher, nas ruas de uma favela. No mesmo capítulo, descobrimos que se tratava da irmã de Helena e seu então namorado. Apesar de não mostrar a protagonista em uma situação de marginalidade, o autor ainda abordou essa temática através da irmã dela, que, ao longo da trama, terá uma gravidez precoce. A ela é atribuída a imagem de controle *Jezebel*.

A jezebel é a mulher negra sexualmente agressiva, insaciável, lasciva, que, portanto, deve ser domada de qualquer forma. A imagem da jezebel constitui uma objetificação que se dá a partir da animalização dos corpos e das condutas das mulheres negras, sendo estas consideradas inadequadas dentro dos parâmetros do pensamento binário ocidental. Enquanto as mulheres brancas são consideradas exemplo de feminilidade, inclusive no campo da sexualidade, sendo lidas como respeitáveis, meigas, doces e modestas, as mulheres negras são lidas como promíscuas e até mesmo como predadoras sexuais. (BUENO, 2020, p.110)

No mesmo episódio, nos deparamos com Luciana, vivida pela atriz Aline Moraes, uma mulher branca, a principal rival de Helena. Percebemos que ela é ciumenta, mimada e invejosa. Ao longo dos episódios, Luciana vai demonstrando todas essas características que fariam dela uma vilã na novela. A definição de “vilão” para Campos (2011, p.154) é

Vilão é personagem errado, perverso, talvez feio e vestido de preto, mas com certeza repulsivo e mau. Vilão é personagem que narrador e espectador amam condenar, adoram odiar, distante de quem querem estar, com quem não querem se identificar e que, enfim, querem ver desmascarado, punido e infeliz.

Helena acaba se envolvendo com o pai de Luciana e, ao longo da trama, seus demais amores e afetos estão relacionados prioritariamente a pessoas brancas. Com exceção da própria família e da melhor amiga que tem origem asiática, as demais pessoas do convívio de Helena são pessoas brancas.

Com o passar dos capítulos, Helena passa a tentar estabelecer uma boa relação com Luciana, visto que elas têm uma pessoa em comum na convivência: o pai de Luciana, Marcos. Em uma viagem a trabalho, elas acabam discutindo e Luciana acusa Helena de ter “matado um filho para chegar onde chegou”, se referindo a um aborto que Helena fez no começo da carreira e que ela escondia das pessoas por se sentir culpada.

Helena alega que durante toda a viagem quis garantir que Luciana estivesse segura e se sentiu humilhada em várias situações. Tais atitudes, configuram mais uma imagem de controle a qual essa personagem foi submetida: a *mammy*.

Opera um mito no qual a mulher negra cuida e dedica amor à família branca, sobretudo às crianças, cujo cuidado é sua responsabilidade, de forma mais responsável e afetuosa do que dedica a sua própria família. Essa imagem cristaliza um tipo de relacionamento ideal entre mulheres negras, grupo dominado, e as elites brancas, grupo dominante. (BUENO, 2020, p. 89)

Após uma discussão, Helena decide ir ao aeroporto de carro, enquanto Luciana vai de ônibus. À noite, o ônibus sofre um acidente após o motorista, um homem negro, desviar de um grupo de cabras que atravessava a estrada. O veículo capota e Luciana fica entre a vida e a morte.

No capítulo 57, após uma série de exames, Luciana recebe o laudo de que ficou tetraplégica. A partir disso, uma culpa envolve Helena, e pessoas da família de Luciana, principalmente a personagem da mãe, Tereza, vivida por Lília Cabral, a condenam pelo acidente. O capítulo em questão é um ponto de virada na trama, em que a partir de então trata Luciana como protagonista e Helena como coadjuvante.

Daí em diante, os espectadores acompanham uma mudança de postura de Luciana, que se torna mais humilde e carismática. Compreendemos que o autor caiu no clichê de mudança de personalidade após uma grande mudança e em uma espécie de redenção da vilã. Acreditamos que tais transformações chegam a beirar o capacitismo, uma vez que existe um estereótipo que associa “bondade” a pessoas com deficiência.

Enquanto isso, o arco dramático de Helena vai se apagando, perdendo tempo de tela para a personagem branca.

No episódio final, assim como em outras novelas, há uma série de acontecimentos típicos: casamentos, nascimento de bebês e um final feliz para a protagonista. Existe uma tentativa de equilibrar o tempo de tela entre Helena e Luciana, cujo final consiste em um desfile de moda com as duas aparecendo unidas. Porém, fica nítido que Helena perdeu o posto para mais uma personagem branca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme mencionamos anteriormente, segundo Patricia Hill Collins, a autodeterminação é um fator fundamental para estabelecer novas narrativas para mulheres negras em quaisquer dispositivos, sejam nas novelas, nos filmes, nas séries. É preciso que mulheres negras estejam nos cargos de tomada de decisão dos produtos para que essas imagens de controle não subjuguem corpos de pessoas negras e que novas narrativas sejam construídas, construindo um novo e positivo imaginário sobre essas pessoas.

Um exemplo recente disso foi a novela *Vai na Fé* (2023) que, mesmo com homens brancos na direção, contou com a presença das roteiristas Renata Sofia e Sabrina Rosa, mulheres negras cineastas, que ajudaram a construir uma história que não repetisse os estereótipos relacionados a pessoas negras. A trama foi composta por diversos núcleos protagonizados por atrizes negras e atores negros que passavam por dramas e conflitos do dia a dia que não se restringiam somente ao racismo, demonstrando uma pluralidade de representações e imagens mais positivas de personagens negras e negros em novelas.

Sendo assim, percebemos que não basta apenas incluir atrizes negras e atores negros em telenovelas, se estas e estes encenam os mesmos papéis construídos sob estereótipos racistas, ou apenas incluir uma quantidade reduzida, limitado até em uma atriz ou um ator. É necessário que possamos testemunhar mais a proporcionalidade de artistas negras e negros na televisão e não só na frente das câmeras, como também por detrás delas, principalmente, na criação de histórias plurais, complexas e humanizadas a respeito desse grupo.

REFERÊNCIAS

- bell hooks. **Olhares Negros: Raça e Representação**. Rio de Janeiro: Elefante, 2019.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo. Companhia das Letras, 2022.
- BUENO, Winnie. **Imagens de Controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins**. Porto Alegre. Editora Zouk, 2020.
- CAMPOS, Luiz Augusto; FERES, João “**Globo, a gente se vê por aqui?**” **Diversidade racial nas telenovelas das últimas três décadas (1985 - 2014)**. Plural, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 36-52, 2016. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs.2016.118380. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/118380>. Acesso em: 5 jul. 2023.
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs, 1984, p.223-244.
- _____. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HAMBURGUER, Esther. **O Brasil Antenado: a sociedade da novela**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2005.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LEAL, O.F. **A leitura social da novela das oito**. 1983. 167f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Pós-Graduação em Antropologia, Política e Sociologia, Porto Alegre, 1983.
- OROSCO, Dolores. ‘**Acredite, ainda estou escrevendo o último capítulo**’, diz **Manoel Carlos**. G1, 2010. Disponível em <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/05/acredite-ainda-estou-escrevendo-o-ultimo-capitulo-diz-manoel-carlos.html>>. Acesso em 03 de julho de 2023.
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes – Conceitos e metodologia(s)**. VI Congresso SOPCOM, 2009. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>. Acesso em 03 de julho de 2023.
- POR que novelas de Manoel Carlos tinham sempre uma Helena? **Splash Uol, 2023**. Disponível em <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/03/14/manoel-carlos-faz-90.htm>> Acesso em 03 de julho de 2023.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo de cor: uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2023.

TAÍS Araújo relembra frustração com 'Viver a Vida': "Entrei em desespero". **Revista Marie Claire**, 2023. Disponível em <https://revistamarieclaire.globo.com/celebridades/noticia/2023/03/tais-araujo-relembra-frustracao-com-viver-a-vida-entrei-em-desespero.ghtml>. Acesso em 03 de julho de 2023.

VELOSO, Vinícius. **Relembre como Mulheres Apaixonadas impactou no Estatuto do Idoso**. Metrôpoles, 2023. Disponível em <https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/relembre-como-mulheres-apaixonadas-impactou-no-estatuto-do-idoso>. Acesso em 03 de julho de 2023.

VIVER a vida. **Memória Globo**, 2023. Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/viver-a-vida/>. Acesso em 03 de julho de 2023.